

LEONARDO MOTA NETO

25 FEV 1988

25 FEV 1988

## Passarinho e Covas saem da muda

Como num passe de mágica, dois discursos parlamentares, de dois senadores com formulações doutrinárias opostas — Jarbas Passarinho e Mário Covas — repuseram as condições de moderação e equilíbrio de que a Constituinte se ressentia, e deram à cena política, dominada pela sinistrose, uma visão de que tudo é possível quando se instala o bom-senso. O presidente do PDS e o líder do PMDB na Constituinte reviveram os momentos em que a palavra do político era confiável e sobretudo passível de reproduzir sentimentos de adesão. Melhor não poderiam ter feito numa quadra de tanta prevalência do terrorismo das informações não plantadas e dos boatos disseminados à guisa de verdades extraídas dos quartéis e das salas dos empresários. Na verdade, os canhões estão mudos, os tanques desativados por falta de guerras. As tropas estão entregues à sua faina cotidiana, e as outras tropas — as dos empresários — dedicadas a obterem algum lucro num País que privilegia o setor financeiro como senhor intocável de todas as providências tomadas na área econômica, como ontem mais uma vez se viu, na reunião do Conselho Monetário Nacional.

No entanto, o senador Jarbas Passarinho restaura a postura de político que faz da confiabilidade uma marca pessoal inconfundível. Ele, que detém o mais alto índice de assiduidade nas reuniões da Assembléia Nacional Constituinte, num exemplo de devoção ao trabalho, parece agora revigora-

do e disposto a absorver o clamor de seus pares que o querem ver candidato à Presidência da República. Há espaço para um líder político de autoridade e coerência, à espera de um nome como o de Passarinho. O senador fala como um líder civilista, e não como um daqueles cidadãos "híbridos" que se vangloriavam de acessos junto aos quartéis e também à área política. Passarinho não quer mostrar qualquer tipo de ambivalência em torno de sua posição: não é favorável a uma intervenção golpista, nem deseja que o poder civil seja tutelado pelos militares, numa repetição do fenômeno Bordabery.

Já o senador Mário Covas revestiu o papel de líder do PMDB, identificado com suas causas e programas; voltando a pronunciar o discurso de fidelidade ao programa do partido, Covas se candidata a retomar o espaço que lhe era cativo desde as últimas eleições. Logo após o pleito, o Sr. Mário Covas vestiu a camisa de um superpartidarismo. Mas volta a um PMDB que na verdade é a expressão da média de sentimentos de um País conservador e moderado. A mesma tendência de amor à legenda carismática do PMDB é demonstrada pela deputada Cristina Tavares Correa, que não completou sua promessa de abandonar o partido, tal como o deputado Fernando Lyra. Ambos estiveram com o deputado Ulysses Guimarães, velho símbolo da resistência, para resistirem mais um pouco, de baixo do histórico véu da confiança.